



DESVENDANDO A LÓGICA DO LOUCO: UMA ANÁLISE DA SEGREGAÇÃO NA SOCIEDADE ATRAVÉS DO DISCURSO E SAÚDE MENTAL

ANA LIVIA JÁCOME; AMANDA MIRANDA DA SILVA; ADRIANO VINÍCIUS CARVALHO DAS CANDEIAS

RESUMO

O estigma da saúde mental em nossa sociedade consiste em algo que necessita de extrema atenção, haja vista que somos seres indissociáveis dos aspectos sociais, pois é configurado como forma complexa o conhecimento e padrões sociais quando o assunto é o tato com a saúde mental. Partindo dessa premissa, esse trabalho adentra o campo da Linguística com estudos referentes à Análise do Discurso, em consonância com a área da saúde, pelo viés psicológico, possibilitado pela transdisciplinaridade presente em ambas as áreas. Ademais, objetivamos, analisar fragmentos discursivos que circundam a problemática de como a sociedade atribui certa exclusão ao utilizar-se do discurso do “louco”, assim como, explicitar como alguns discursos são influenciados pela segregação, perpassando pela identificação dos fragmentos discursivos. Metodologicamente, tal pesquisa mergulha em uma abordagem qualitativa-interpretativista, com o *corpus* categorizado em fragmentos discursivos retirados da série “Dickinson”, especificamente na primeira temporada da obra. Dito isso, baseamo-nos nas teorias de Foucault (2014), Orlandi (2020) e Brandão (2012), no que se refere à Análise do Discurso; além de Foucault (2014), Jung (1954), Amarante (2007) e Silveira (1992) na área da saúde mental, com uma boa relação entre as duas áreas de pesquisa. Dessa maneira, nossa investigação resulta-se do interesse em atribuir maior noção de cuidado no tocante aos ditos pela sociedade, que levam para a função excludente no que concerne à saúde mental. Com isso, a pesquisa configura como relevante pelo fato de analisar discursos costumeiramente proferidos em conversações sociais e privadas, assim, traz reflexão extremamente importante que auxilia para a melhoria na convivência em sociedade.

Palavras-chave: Discurso do louco; segregação; análise do discurso; saúde mental; sociedade.

1 INTRODUÇÃO

A priori, é possível afirmar que somos seres sociais, interagimos uns com os outros, socialmente. Fazemos parte de comunidades, grupos e círculos sociais. Para tal, nos articulamos em conversações, conexão essa que advém de discursos. Os discursos permeiam e nos auxiliam para que possamos viver em sociedade de maneira plena e conjunta.

Dito isso, atribuímos noções de discurso nessa pesquisa baseado em Orlandi (2020). Para tal pesquisador, o discurso consiste na mobilidade da palavra em práticas de linguagem. Pois, “a linguagem enquanto discurso é interação, e um modo de produção social” (BRANDÃO, 2012, p.11), ou seja, discurso é prática social, a articulação mais viável para que haja (e vivemos em) sociedade. Dessa maneira, para que possamos entender os fenômenos

sociais, nada mais justo do que analisar os discursos.

Concomitantemente, a Análise do Discurso tem como fundamento a assimilação da língua enquanto prática social, uma vez que a AD “concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social” (ORLANDI, 2020, p. 13). Em outros dizeres, a área competente para o auxílio da compreensão do que ocorre na sociedade é a Análise do Discurso, visto que o discurso forma a sociedade.

Logo, é analisando discursos que iremos assimilar plenamente os fatores sociais que nos circundam, é pelo discurso que notaremos ideologias, assim como as intenções que tal ato quer transpassar. Pois, o discurso não é neutro, “inocente e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia” (BRANDÃO, 2012, p.11).

Consoante a isso, é costumeiro perceber alguns chamamentos quando algo foge dos padrões da nossa sociedade, ou seja, é corriqueiro em nosso dia a dia ouvir e presenciar indivíduos chamando uns aos outros de “loucos”, atribuindo o sentido de loucura para aquilo que não está estruturado com base em algumas regras preestabelecidas. No entanto, atribuímos alguns questionamentos aqui: o que seria realmente definido como “louco”? O que é ser “louco” para nossa sociedade? Por que atribuir o sentido de “louco” para uns e outros não?

Simultaneamente, Foucault (2014) define louco como sendo um princípio de exclusão, estabelecido como o contrário de razão. Em outras palavras, a noção de louco é atribuída para excluir ou tirar a razão das pessoas. Além do estigma que se volta para a ideia de que apenas loucos fazem tratamentos psicoterapêuticos. Dessa maneira, nos baseamos em Silveira, pois fora “a mulher que revolucionou o tratamento da loucura no Brasil” (VELOSON, 2017. In: MAGALDI, 2019). Pois, assim como o discurso, a psicologia busca entender o indivíduo em aspectos sociais:

“Uma psicologia que leva em consideração diferentes aspectos como fenômenos explicados por padrões de causalidade, sem, contudo, negar que existam fatos que somente se expliquem através de conexões acausais, que tente apreender os fatos em sua totalidade e não pelo destrinchamento das partes, que analisa aspectos individuais sempre dentro de um contexto cultural” (MELO, 2001, p.29).

A psicologia destrincha o ser humano também analisando questões sociais e culturais. O indivíduo é indissociável da sociedade, haja vista que a saúde mental no contexto brasileiro é tida como um viés de lutas (AMARANTES, 2007). Além disso, Jung (1954), define o processo da psicoterapia como “um processo evolutivo individual” (p.18). Logo, alguns ditos da sociedade podem e devem ser analisado pela área da psicologia, como também pela AD.

Portanto, objetivamos analisar fragmentos discursivos que se voltam para a problemática de como a sociedade exclui os indivíduos ao utilizar-se do discurso do “louco”, além disso, buscamos explicitar como alguns discursos são influenciados ou motivados pelo princípio de segregação, por fim, procuramos pela identificação dos fragmentos discursivos.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

A série “Dickinson” faz parte do catálogo do serviço de *streaming* da Apple, que leva o mesmo nome: Apple TV+. A obra é baseada na vida da poetisa famosa Emily Dickinson, na qual enfatiza suas relações e dramatiza suas poesias em cada episódio da série. Emily Dickinson viveu no século XIX, escreveu milhares de poemas, no entanto, em vida não fora conhecida. Suas escritas vieram à tona após sua morte, tais trouxeram rumores no que se refere sua sexualidade. Rumores esses bem explicitados na produção televisiva. A série é composta por três temporadas, de dez episódios, cada episódio tem a presença de algum poema dela. Acredita-se que Emily Dickinson fora uma mulher além do seu tempo, tanto

intelectualmente quanto em atitudes, pois nunca se casara ou tivera filhos. Dessa maneira, escolhemos os discursos que a colocam como louca.

Durante a produção, Emily é sempre chamada de louca, seja pelos pais, irmãos, amigos ou por ela mesma. Assim, os fragmentos discursivos estão centrados em conversações nas quais os chamamentos de louca são explícitos.

Metodologicamente, nossa investigação tem uma abordagem qualitativa-interpretativista (MOITA-LOPES, 2006), que considera e toma como base a interpretação que se configura como intrínseco e subjetivo de cada indivíduo. Para métodos de organização e compreensão plena, constituímos de um quadro-tabela com os discursos a serem analisados nessa pesquisa. Assim, os fragmentos discursivos aqui serão definidos como D1 ao D4, todos extraídos da primeira temporada da série televisiva “Dickinson”. Veja:

Quadro-tabela 1 – Fragmentos Discursivos

1º TEMPORADA	FRAGMENTOS DISCURSIVOS
EP 1 – 10:19min	D1: “Adora ficar do lado dela, não é? Vai se arrepender. Ela é louca. Ela não sabe se comportar como uma moça de verdade e vai acabar arruinando essa família (Sra. Dickinson)”.
EP 1 – 18:29min	D2: “Sua irmã ainda está se fazendo de difícil. (Jorge) Se fazendo de difícil. Excelente expressão pra dizer que ela é louca (Austin)”.
EP 3 – 11:48min	D3: “ah, meu deus, ela é uma louca. (amiga 1) Claro que é louca, é a Emily Dickinson. (amiga 2)”.
EP 4 – 04:01min	D4: “Suas filhas falam com você desse jeito? (Sr. Dickinson) A maior parte do tempo sim. (Itamar) Bom, eu não a criei para se comportar como uma louca. (Sr. Dickinson)”.

Fonte: autoria nossa (2023).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os discursos estão sempre determinando uma ideologia, uma noção e um aspecto do que compõe a sociedade. Assim, os fragmentos discursivos que iremos analisar aqui proferem a noção de louco para a personagem principal da série: Emily Dickinson.

A priori, no D1, percebemos a tentativa de romper hierarquias de poder. A mãe de Emily quer que ela se case, com o objetivo de seguir uma tradição. Assim, quando Emily se nega, a Sra. Dickinson afirma que ela é louca. Dessa maneira, nota-se uma visão de defini-la como louca, pois “o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros” (FOUCAULT, 2014). Ou seja, a personagem não será levada a sério por sua mãe, caso continue agindo com parâmetros que estão fora do padrão exigidos pela época na qual vivem os Dickinson. Emily precisa seguir as normas impostas pela sociedade como “uma moça de verdade” ou vai ser corriqueiramente chamada de louca, com isso, ninguém levará a sério o nome “Dickinson”, pois ela estaria “arruinando essa família”. Tais dizeres do D1 dialogam com os termos expressos no D4, haja vista que se volta para o objetivo de seguir de acordo com as regras sociais.

No D4, expõe perfeitamente como a ideia de “louco” era atribuída, caso fugisse do padrão ordenado pela sociedade, eram tidos como loucos. Percebem-se, principalmente quando o Sr. Dickinson evidencia “não a criei para se comportar como uma louca”. Além

disso, no que se refere aos dias atuais, tem-se determinado preconceito no tocante aos chamamentos que envolvem a loucura. O tratamento ou o cuidado para com a saúde mental é considerado ainda forte e infelizmente como algo que advém da loucura. O que leva para a negligência de doenças e transtornos, ou algo mais simples, como o processo de terapia. Assim, é possível afirmar acerca da importância que envolve o processo de psicoterapia, haja vista que “resultam em conclusões práticas de relevante importância” (JUNG, 1954, p. 15).

No tocante ao D2, além de um machismo velado, temos mais uma vez a percepção de loucura como viés de exclusão ou segregação (FOUCAULT, 2014). Quando o irmão de Emily, Austin, fala com o pretendente dela, Jorge, sobre o fato dela não querer se casar aparece entonações e afirmações de que na verdade Emily é louca. Em outros dizeres, esse termo “louca” proferido pelo irmão da personagem remete-se à ideia de que na verdade Emily seria uma mulher a frente em seu tempo. Nos dizeres de Silveira (1992), “o corpo seria uma complexa máquina e consequentemente, as doenças resultariam de perturbações no funcionamento dos mecanismos que compõem essa grande máquina”, no entanto, Emily não tinha problemas em sua composição maquinaria, na verdade, o problema estava na sociedade que ela estava inclusa.

Por fim, no D3, nota-se uma construção do discurso. Segundo Orlandi (2020), o discurso passa pelo percurso:

“alguém fala, refere alguma coisa, baseando-se em um código, e o receptor capta a mensagem, decodificando-a. [...] desse modo, diremos que não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. São processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade.” (ORLANDI, 2020, p. 19).

Ou seja, os discursos construídos entre as amigas de Emily absorvem questões de sujeito, visto que nenhum discurso é inocente (BRANDÃO, 2012). Dotado de ideologia, o discurso do D3, determina que Emily seja louca, simplesmente, por ser Emily, pois na cena as personagens estavam em uma festa, na qual a protagonista divertia-se do seu jeito. Nos dizeres “é a Emily Dickinson” remete ao fato de que a loucura é composta por tudo que ela é: a personalidade, as atitudes, as escritas.

4 CONCLUSÃO

Concluimos, portanto, que a definição de loucura consiste apenas como um processo de exclusão social. As pessoas tidas como loucas não serão ou são aceitas em sociedade (mesmo que de maneira velada). Assim, os discursos analisados mesmo em se tratando de uma obra que remete aos anos 1800 trazem assuntos atuais, trazem dizeres atuais, pois, ainda hoje, ouvimos e percebemos que há determinado preconceito no que se refere ao processo de psicoterapia.

Viver em uma sociedade com pessoas adoecidas mentalmente, mas que julgam o tratamento como algo “de louco”, é estarrecedor. Dessa maneira, esperamos que nossa investigação determine a importância em relação à alguns chamamentos, para que assim modifique a péssima visão que temos no tocante ao processo de psicoterapia.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, Paulo. **Saúde mental e atenção psicossocial**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007; BRANDÃO, Helena. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, SP: Editora da

Unicamp, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2014; JUNG, C. G. **A prática da psicoterapia**. Petrópolis: Editora Vozes, 1954.

MAGALDI, Felipe. **Das memórias de Nise da Silveira no hospital psiquiátrico do engenho de dentro**. Mana, 2019.

MELO, Walter. **Nise da Silveira**. Rio de Janeiro: Imago Ed, 2001.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Por uma linguística aplicada interdisciplinar**. (Org). São Paulo: Parábola, 2006;

ORLANDI, Eni. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes Editora, 2020.

SILVEIRA, Nise da. **O mundo das Imagens**. São Paulo: Ática, 1992;